

Lídia Jorge



A NOITE  
DAS MULHERES CANTORAS

Romance



D. QUIXOTE

## SOBRE ESTE LIVRO



As páginas que me chegaram às mãos e me permitiram escrever este livro eram em número de trinta e quatro, não vinham acompanhadas por título, e alguns nomes e factos eram diferentes. Nesta versão alargada, é ainda de minha inteira responsabilidade tudo o resto e a sua imperfeição.

Também convém dizer que numa dessas páginas constava a indicação de uma epígrafe colhida de um livro de Nina Berbérova redigida da seguinte forma – «E aqui terminam as minhas memórias. Mas o meu monólogo, que ninguém ouve, continua.» Menção adequada, tratando-se de uma narração de voz única. Tomei, no entanto, a liberdade de não a utilizar. Em primeiro lugar, porque na história de um bando conta-se sempre a história de um povo, sendo esse o caso das páginas que me foram propostas. Em segundo lugar, porque não existem verdadeiros monólogos. Junto-me àqueles que pensam que narrar, seja lá de que modo for, é sempre uma forma de continuar a infância do mundo. E a sua orelha, que não se confunde apenas com a matéria sensível, por certo que será infinita.

LJ

## NOITE PERFEITA



Durante dois dias consecutivos, o vento fustigou as árvores da Praça das Flores, o solo ficou juncado de folhas e gravetos, e vários objectos que haviam sido escondidos para sempre no fundo de sacos de plástico mostraram-se por uma última vez, rolando pelo pavimento. Mas esta manhã a mulher da Câmara desceu do camião munida de uma vassoura comprida e varreu tudo o que encontrou à sua frente para dentro de um carrinho de lata. No momento em que nos cruzávamos, eu ouvia o som das suas passadas dando uma explicação ao mundo – Esquecimento, esquecimento.

No entanto, essa não é a única lei que nos rege. Há cerca de três meses, encontrava-me eu sentada na coxia de um cineteatro, de onde acabava de ser transmitido um longo espectáculo de Verão, quando um homem vestido de branco veio ao meu encontro, voando, de braços abertos – «Lembras-te de mim?» Perguntou. Abraçámo-nos. O seu corpo estava tão leve que dançávamos sem dar por isso, e essa leveza era de tal forma evidente que as câmaras fixaram-nos, pousando o seu grande olho minúsculo sobre as nossas costas, ora as minhas, ora as dele, enquanto rodopiávamos. Como tudo se passava simultaneamente,

à nossa volta algumas pessoas gritavam – «Vejam, vejam! Olhem como o João de Lucena dança com a Solange de Matos...» E a acreditar no que diziam, sobre a imagem dos nossos vultos, projectados no ecrã, deslizava uma fina passadeira de letras. O homem leve perguntou de novo – «Lembras-te de mim?» Então Gisela Batista, a protagonista da noite, veio até nós e exclamou – «Que maravilha, toda esta gente se vai lembrar de vocês para sempre. Que lindos que são, que lindos! Não parem, por favor. Olhem como sobre as vossas cabeças a produção está a fazer cair uma montanha de estrelas...» E retirando-se do centro da história da noite, onde ela e só ela deveria estar, Gisela Batista abriu os braços, com palavras de complacência e admiração – «Meu Deus! Que linda lembrança vamos guardar...» E muitos nos aplaudiam. Mas nós rodopiávamos indiferentes aos brilhos projectados sobre as nossas roupas, porque sabíamos que estávamos a celebrar um encontro no interior do império minuto, e havia vinte e um anos que na realidade não nos encontrávamos.

Então, perante aquela assistência, o que fazer da nossa lembrança privada? Para onde iríamos reconstituir os dias que nos tinham separado? Naquele momento, ao contrário das palavras que corriam à nossa volta, não nos importávamos com o tom de solemnidade que os outros atribuíam ao nosso encontro. Tínhamo-nos transformado no centro das atenções sem que nada o justificasse. Aquela era apenas uma noite de Verão, a cena em que havíamos participado fazia parte de um programa como tantos outros, um concurso estival concebido sobre o impacto da emissão em directo, o frenesim do imprevisto a dominar a contingência e, já fora do palco, um dos participantes limitava-se a perguntar a uma adjuvante – «Lembras-te de mim?» Por acaso esses dois éramos nós, Solange de Matos e João de Lucena. Haveria algum motivo especial para que os circunstantes se interessassem pelos nossos

passos? Como tantos outros, nós apenas dançávamos entre a primeira fila e o palco.

Assim, quando as luzes mais intensas se apagaram, saímos para a rua como os demais, o largo passeio era estreito para o amontoado de gente que o ocupava, nós dois separávamo-nos por instantes, e nesse breve intervalo Gisela Batista abandonou o seu grupo e avançou na minha direcção. A sua inquietação era genuína. Enquanto me segurava nas mãos, os seus olhos devoravam a minha cara, perguntando-me – «Solange, estás bem?» Assegurei-lhe que sim, que estava bem, mas Gisela não acreditava no que eu lhe dizia. Os seus olhos continuavam a devorar-me – «Não mintas. Tu bem viste o estado em que apareceu à nossa frente aquele sujeito. Mas ouve, Solange, juro que não fui eu quem o chamou, foi a produção. E não foi por mim que ele veio, foi por ti. Queres ouvir? Pergunta ao Fernando Santos...»

«Fernando! Chega aqui, por favor, conta o que te dizia o Lucena quando lhe ligavas para Amesterdão. Conta lá, meu amor...»

E o produtor, remexendo as chaves no bolso, começou por dizer – «Pois é verdade, Gisela, sempre que o Lucena vinha ao telefone eu explicava que a concorrente era a Mimi, mas ele só perguntava pela Solange, queria saber se a Solange teria algum papel no espectáculo, se cantava, se dançava, se falava. Enfim, eu sempre dizia que não, que a pessoa convidada era Gisela Batista, a Mimi, mas ele fazia ouvidos de mercador...» E aquele homem chamado Fernando, movimentando as chaves, tinha muita pressa em retomar o automóvel que se encontrava guardado no subsolo da Avenida, e no entanto ia dizendo – «Grande noite, grande fufo! Bem mereceste este triunfo, ó Gisela, bem o mereceste tu. Foi uma noite de arromba. Havia muito tempo que não acontecia um final de noite assim. Só que a tua vitória também se deve ao número do Lucena. Eu mesmo tive a ideia de o chamar, mas confesso que não sabia de coisa alguma. Quem poderia adivinhar

o seu estado? Quem poderia? Grande coincidência, grande furo...»

As palavras do produtor surgiam de forma tão esclarecedora quanto rápida, eu tinha a ideia de que elas me rondavam à velocidade da luz. Sobre o passeio, Gisela Batista ainda se encontrava vestida de Cleópatra como se continuasse em cima daquele palco. Agora já havia feito dois passos atrás, já se preparava para dar meia volta, e eu aguardava que ela retirasse a sua conclusão. Iria ser a adequada, como sempre. E assim foi. Gisela apertou a minha mão, murmurando palavras em surdina, e de algumas delas era possível perceber o sentido – «Eu não te dizia? Tudo se passou nas minhas costas. Como é que eu ia saber? É só para que vejas que não tive nada a ver com este assunto. Ele veio de sua livre vontade, e porque outros tiveram a ideia, não porque eu o tenha chamado...»

E como se acabasse de lavar, assinar e datar um documento em que se declarava inocente, Gisela Batista, a antiga *maestrina*, a número um da nossa banda, voou na direcção do ruidoso magote que a aguardava na porta do cineteatro. Enquanto isso, do outro lado da rua, João de Lucena levantava a mão para fazer parar um táxi. Encontrava-se ao lado de dois homens vestidos de claro-escuro, e eu tinha a ideia de que os três me perguntavam, no meio da noite de um Julho escaldante como não havia memória – «Lembras-te de mim?»

Corri na sua direcção, entrei pela porta do táxi e enrolei-me no banco de trás, junto a João de Lucena, com a ideia certa de que tendo nós penetrado inadvertidamente no reino do império minuto, teria sido preferível lá termos ficado. De contrário, uma vez saídos do interior do seu mundo suspenso, e entregues à naturalidade das horas, dali em diante tudo se resumiria a um deslizar devagarinho na direcção dos pavimentos rasos, um deslizar de mistura com folhas, gravetos, pedaços de papel com metades

de frase, cascas de laranja, fotografias rasgadas, e nós dois dentro de um táxi, rodeados por estranhos, como sempre, vinte e um anos mais tarde.

Mas o que fazer, agora que tínhamos entrado num táxi?

Para dizer a verdade, a noite minuto havia sido comprida, durara duas horas e meia. Envolvera vinte e cinco técnicos, seis câmaras, um homem entretém, cinco cantoras distintas, meia hora de emissão para cada uma delas, mais a fila dos seus acompanhantes, mais uma cadeira em forma de barca a meio do palco e um palmómetro ligado às lâmpadas vermelhas da referida barca, onde ia parar o som das palmas transformado em impulso cronómetro. Eu tinha ocupado a coxia lateral mas não sabia que poderia ser chamada quando Gisela Batista subisse ao palco, apenas me tinha sentado ao lado das irmãs Alcides, conforme combinado, sem outra qualquer expectativa.

E isso porque antigamente, quando o império minuto mal se desenhava, no final dos anos oitenta, Gisela Batista, Maria Luísa e Nani Alcides, Madalena Micaia e eu mesma, nós cinco havíamos formado um grupo que cantava e dançava, tendo chegado a gravar um disco, e era essa lembrança que a *maestrina* trazia a público, competindo com as demais concorrentes, de modo a transformarem a noite minuto numa sucessão de momentos carregados de nostalgia. Momentos de tal modo concentrados que, ainda que ocupassem mais de meia hora, na percepção da assistência, cada prestação deveria parecer não durar mais que um segundo. A explicação havia sido avançada pela própria Gisela. Como no passado, dois dias antes, ela mesma nos instruíra – «Não se admirem do que possa acontecer. Naquele meio, tudo o que for eficaz, para ser perfeito, não poderá deixar de ser extremamente rápido. Às vezes uma pessoa fala e nem sabe o que diz...» Tinha avisado

Gisela Batista, habituada, ia para dois anos, ao ritmo rigoroso daquele império onde ela se movimentava como um peixe na água.

Resumindo, a meia hora que lhe dizia respeito passou-se do seguinte modo – Depois do concurso das quatro cantoras precedentes, e de um último intervalo que não demorou um instante, Gisela surgiu no meio do palco pisando o espaço ao som da canção *Afortunada*, e o pavimento à sua volta estremeceu. Estremeceu quando avançou juntando à música gravada as palavras que outrora nos identificavam – «Ah! *Afortunada, afortunada / Faz fortuna e não tem nada...*» Também estremeceu aquela espécie de aurora boreal sobre a qual, inscritos em jactos de luz, os nossos antigos nomes apareciam e desapareciam, bem como as nossas caras de criança, lisas como de louça, vinte e um anos atrás. E exultava, sobretudo, o rapaz entretém, que depois de lutar com quatro cantoras medíocres, enfrentava finalmente uma concorrente digna desse nome. O momento era auspicioso. O animador estava rendido. Ainda Gisela Batista não lhe tinha estendido a mão, já ele se inclinava para os seus pés com dedicação de escravo. Agitavam-se ainda mais as mãos do público que enchia a casa até aos balcões. Para nós três, porém, colocadas nas coxias laterais, nada do que acontecia sobre o palco constituía surpresa. Conhecendo Gisela e o passado de Gisela, bem como o nosso contributo, com o qual ela concorria, nós estávamos em paz, julgando que iríamos assistir a alguma coisa sobejamente prevista. No entanto, os factos iriam partir numa direcção diferente. O rapaz perguntou – «E que tal, como se sentia a Mimi, enquanto capitoa daquela banda de mulheres giras?»

«Ui! Uma epopeia, meu querido.»

E Gisela Batista, naquela noite de Verão, em vez de falar de si mesma, como seria de esperar, preferiu invocar, um a um, o nome das suas companheiras, apresentando-nos como um grupo sem

mácula, elevando-nos a todas à categoria de boa gente, fazendo a sua pessoa dissipar-se no interior do conjunto, uma espécie de modéstia orgulhosa que agradava imensamente ao público. Recostada na poltrona em forma de barca, a *maestrina* descreveu-nos como cinco raparigas magníficas, com histórias e naturalidades distintas, atraídas em simultâneo desde várias partes de África pelo som de um piano. Cinco raparigas nascidas e criadas em regiões diferentes, e no entanto todas igualmente enlevadas pela mesma música. Fora o som de um belo Yamaha de cauda, um instrumento esquecido no interior de uma garagem diante do Tejo, fora seu o teclado que nos havia chamado, uma a uma, movendo a dentadura mágica, noite e dia, sem parar. Um belo espécime brilhando como uma pérola negra no meio do entulho, sem qualquer mão que o tocasse. Um piano executando por si mesmo uma partitura cujas últimas notas só se teriam extinguido no momento em que nós cinco, vindo por caminhos diferentes, nos havíamos reunido à volta do instrumento. Passado todo aquele tempo, ela ainda se lembrava, como se tivesse acontecido naquela mesma manhã, do momento em que a última vocalista a chegar à garagem se tinha encostado ao corpo do piano, dizendo – «Aqui estamos nós. Eu vim caminhando por cima do Oceano...»

Tinha explicado Gisela, contra tudo o que era esperado. E assim, aquele público, tocado por uma história de transcendência, tão intrusa e tão bem contada, não dispensou a nossa identificação, e de um momento para o outro nós três emergimos das coxias para ocuparmos, a toda a largura, o quadrângulo do ecrã, sem que tal tivesse sido minimamente previsto. O que não era desagradável. Apresentadas por Gisela Batista como descendentes dos pedaços de um velho império perdido que ainda fazia doer por aqui e por ali, tivemos de nos levantar para agradecer o aplauso. O aplauso que ia bater no palmómetro, o palmómetro que enviava a mensagem mensurada às lâmpadas da barca, as lâm-

padas que se acendiam, apagavam e voltavam a acender, fazendo justiça ao desembaraço da concorrente, e a incandescência das lâmpadas que por sua vez se transformava em grandes números vermelhos. Uma corrente tremenda. O animador não sabia o que dizer, estava deslumbrado. O animador regressava ao assunto – «Um piano, noite e dia, a convocar cinco raparigas dispersas pela Terra?»

«Sim, a chamá-las, a uni-las, atraídas por uma ária interminável, executada por mão invisível...»

«Lindíssimo!» – Comentou o rapaz movendo-se, também ele, com a agilidade de um peixe, nas águas do império minuto.

Nesse instante, a canção gravada ressurgiu, todo aquele volume de som saiu do palco e bateu nos confins da sala – «*Afortunada / Tem morada, não tem casa / Tem amor, não tem amante / Tem valor e não tem fama / Por isso / Esta canção te dá tudo / E não quer nada...*» Depois, a retumbância abalou dos confins do salão, avolumou-se e preencheu a amplidão do palco. A concorrente não deixou que se encerrasse aquele momento. Apoiada no animador, com quem por certo deveriam estar combinados todos os passos, Gisela Batista introduziu um novo tema. Um assunto que se mantinha confinado ao nosso pequeno grupo, um segredo só nosso, guardado havia mais de vinte anos, e por qualquer razão cujo fundamento me escapava por completo, a concorrente tinha pressa em desvendar, naquele preciso instante. Era por certo o efeito do reino do efémero, a certeza de que o feito ocorrido em cada minuto não teria consequência para além dele mesmo. Gisela Batista não perdeu tempo, aproximou-se do limiar do estrado, com uma câmara atrás de si, e bradou na minha direcção – «Só agora posso dizer a verdade. Foi ela...» Designou-me com o braço. «Foi Solange de Matos, que além está sentada, quem escreveu todas as letras da *Canção Afortunada*. Todas, mas todas, desde a última à primeira, ainda que só passado este tempo o possamos revelar...»

«Meu Deus!»

O rapaz entretém mostrou-se siderado de espanto.

Então, afinal, Solange de Matos era a autora das letras e tinha usado quatro heterónimos? Quatro nomes para uma só pessoa? – «Como assim?» Perguntou o rapaz como se apanhado de surpresa por uma revelação demasiado tardia, ali, diante de todos. Mas o mínimo que se poderia dizer daquela assistência é que se tratava de gente bastante sensível, um público habituado a lidar com a representação dos estilhaços da alma, pois ao escutar a palavra relativa a heteronímia, a sala enlouqueceu. O olho de uma das câmaras atirou-se sobre a nossa fila, as irmãs Alcides foram entrevistadas, ao contrário do que estava previsto, eu tive de subir ao palco, e Solange de Matos surgiu durante um minuto como uma letrista entre grandes letristas. Na conversa cruzada que se seguiu, nomes célebres foram mencionados. Até mesmo nomes lendários, ligados a momentos não menos lendários, como os de Michel Vaucaire, Ray Evans e Vinicius, o grande Vinicius de Moraes, de mistura com Solange de Matos. Nessa condição, Solange, a letrista, transformada em adjuvante da concorrente, teve de reproduzir toda a letra de *Afortunada* e depois *A casinha em Nova Iorque*, e esse segredo das nossas vidas, durante tantos anos guardado, rendeu um minuto de epifania. Eu não sabia como proceder, estava feliz pela revelação e ao mesmo tempo angustiada pela forma como tal acontecia, mas para ser franca nem tempo tive de proceder ao balanço entre a alegria e o mal-estar. Pois ainda eu confirmava, diante daquele público, que de facto era verdade, que eu mesma havia escrito a maior parte daquelas letras, e já se abatia sobre a sala a música de *Onde vamos morar*, como se fosse uma ilustração de tudo quanto não fora dito. Melhor dizendo, ainda eu não me encontrava refeita daquela espécie de assalto ao meu novelo escondido havia duas décadas, e já a voz

gravada de Madalena Micaia batia de encontro às paredes da grande casa, abaulando-as de intensidade, especialmente quando entoava a última palavra da interrogação *Onde vamos morar / Na paixão ou no mar*, e o compasso alcançava o balanço perfumado de um *blues*. Uma forte dor de cabeça. Ou por outras palavras, um dos passos íntimos da minha vida acabava de ser exposto em público, sem apresentação de causa nem de consequência e, passados dois segundos, já eu me encaminhava na direcção da coxia, ouvindo uma outra melodia estostrar nas minhas costas. Sentia-me assaltada. No entanto, de nada tinha que me queixar.

Dos escassos segundos de que era feita aquela meia hora dedicada a Gisela Batista, três deles haviam sido ocupados em saldar uma dívida que apenas a mim própria dizia respeito. Nesse caso, eu só tinha de agradecer a Gisela a menção daqueles factos passados, já que para si própria de nada servia tê-los invocado. Pura generosidade, a sua. Gisela não precisava de ter referido a minha história para que as lâmpadas acendessem, como naquele momento acendiam, somando incandescências que se transformavam em números de elevadas centenas. Outro qualquer episódio teria dado o mesmo resultado. O seu a seu dono. A sensação de ter sido assaltada num local inacessível da alma era autêntica e doía de uma forma difusa por todo o corpo, mas não se justificava. Afinal, eu acabava de ser ressarcida de uma dívida antiga. A prova é que as irmãs Alcides me olhavam, ali mesmo ao lado, e até elas se sentiam reconfortadas. Ouvia-as rir e cochichar de satisfação. «Correu bem, não correu?» – perguntava Maria Luísa, em voz abafada. Um segundo antes, e eu teria dito – Horrível. Agora que tinha reflectido, e deixado passar esse imenso segundo, eu só podia dizer – «Correu admiravelmente, claro que sim.»